

OS HOMENS DA VIDA: REDESENHANDO AS (IM)PERMANÊNCIAS

Introdução

Neste artigo, analisamos as sexualidades masculinas e femininas, tendo por hipótese que os padrões predominantes são definidos e demarcados pelos tradicionais papéis de gênero que reiteram a idéia de uma identidade essencialista e natural, tanto para o homem quanto para a mulher, apesar do contexto de “liberação sexual”, da emergência da AIDS e da visão que considera as sexualidades periféricas como questionamento à improvável existência de uma sexualidade única.

Na construção do nosso argumento, trabalhamos, aqui, com dados coletados através de: entrevistas com uma prostituta, cujo nome fictício é Juliana, e que atuava em Fortaleza, até a década de 2000, no baixo meretrício; correspondências enviadas para a mesma por meio de anúncio nos classificados da revista *Private*; e a citada revista.

Juliana, sem perceber, tornou-se a “cúmplice perfeita” para a pesquisa, porque além de ser o principal contato nas áreas de prostituição, nos proporcio-

FRANCISCA ILNAR DE SOUSA*

RESUMO

As reflexões que compõem este artigo têm por objetivo analisar apenas um de três territórios da sexualidade, compostos pelo “mundo da prostituição”, dos classificados eróticos dos jornais *Diário do Nordeste* e *Folha de São Paulo* e, de cartas enviadas a uma prostituta por meio da revista *Private*. Na análise dessas missivas, procuramos estabelecer a relação entre os dados que apontavam para a discussão de permanências e mudanças nos papéis sexuais e nas sexualidades masculinas e femininas. Para tanto, analisamos o contexto em que essas experiências foram vivenciadas, ou seja, o polêmico período posterior à emergência da AIDS, para, posteriormente, compreender quais referências norteiam o *ser homem* e o *ser mulher* na contemporaneidade.

Palavras-chave: sexualidades, prostituição, *Private*, permanências, mudanças, cartas, Aids.

ABSTRACT

The reflections that give a particular form to this article aims at investigating one of three areas of the sexuality that compound the world of prostitution as seen on classified ads from the newspapers *Diário do Nordeste* and *Folha de São Paulo*, and letters sent to a prostitute through the magazine *Private*. By exploring those letters we tried to find the links for the data that pointed to a discussion of permanence and change in sexual roles and in the female and male sexuality. To this end, we investigated the context in which the stories took place, considering that they happened in a period after the appearance of SIDA in order to understand on a second approach which references *lead man* and *woman* nowadays in their recognizing the meaning of their sexual taste.

Keywords: sexualities, prostitution, *Private*, permanence, change, letters, SIDA..

* Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Diretora pedagógica do Instituto Superior de Estudos, Pesquisas Acadêmicas e Tecnológicas (ISEPAT). Membro ad hoc do Comitê pró- equidade de gênero, da Secretaria de Políticas Especiais para as Mulheres, da Presidência da República.

morre torto”.

Muitos estudiosos têm discutido o que chamam de crise da masculinidade, destacando a denominada postura vitimária dos homens e seu

nou o acesso à referida revista, que se constituiu, para nós, em uma nova fonte de informação.

Na medida em que reelizávamos as leituras necessárias às discussões teóricas e retornávamos aos discursos de Juliana e ao conteúdo das cartas dos missivistas da *Private* e aos classificados eróticos de jornais – afinal, todos eles conduziam à temática das sexualidades –, percebíamos como são determinantes os recortes efetivados para a delimitação de um objeto.

Recortes de classe, gênero, etnia e localidade emergiam em toda a sua diversidade no material coletado. Os grupos, frequentadores de distintos territórios, realizaram e continuam realizando, a seu modo, uma interpretação da realidade conforme os valores que acreditam ser universais e a-históricos; na sua concepção, os valores sempre existiram e são eternos, o que traduzem como: “pau que nasce torto

sofrimento na sociedade. Mas é essa mesma sociedade que, ao se impor papéis fixos de gênero, se privilegia o masculino, com base nos padrões tradicionais, levando a crer em uma pretensa naturalidade desses papéis. Essa crítica faz referência, principalmente, às análises que homogeneizam conclusões para sugerir que a crise da masculinidade é extensiva a todos os homens.

Percebemos, através desta pesquisa, que não há como homogeneizar essas e outras afirmações sem cair na armadilha de aceitar que há uma única forma de pensar e experimentar a vida. A utilização da consagrada técnica *observação participante* nos possibilitou a compreensão da diversidade de discursos, em torno de vários temas, proferidos por indivíduos integrantes de diferentes segmentos sociais, que não reconhecem, e muito menos demonstram vivenciar uma *crise masculina*; a não ser a ocasionada por baixos salários e pela situação política na qual o país se encontra imerso.

Dessa forma, visualiza-se apenas um caminho sem volta, no qual os indivíduos parecem seguir em frente, talvez por força da tendência avassaladora de novas exigências, seja no mundo do trabalho, seja nas relações entre os gêneros, para se adentrar uma vida pós-moderna. Os movimentos de fluxo e refluxo, de idas e vindas, de acertos e desacertos, de construção e desconstrução, de permanências e mudanças não são tão visíveis, pois as velhas dicotomias entre os gêneros são muito mais predominantes que agonizantes.

Nesse sentido, há um modelo masculino e um modelo feminino, hegemônicos; ou seja, há jeitos de ser masculino e feminino, alimentados por homens que se sentem realizados ao assumir determinados papéis; assim como se percebe também a aceitação das mulheres que usufruem dessa situação, submetendo-se aos papéis fixos de gênero. Há,

nesse sentido, a explicitação de uma auto-imagem positiva que têm de si e dos papéis tradicionais atribuídos a eles.

Entretanto, esse “efetivo orgulho manifesto por homens das classes populares” também é encontrado em outros segmentos sociais. Há um movimento, muitas vezes tênue, mas muito dinâmico, no qual se percebem as mudanças que permanecem e as permanências que mudam em um contínuo fluxo, extensivo à totalidade do social.

Assim, evidenciamos que os discursos e conteúdos coletados nessas análises retornam e confirmam, insistentemente, as dificuldades inerentes ao problema de aceitação das diferenças e do outro. Nos territórios da sexualidade, captamos mensagens e discursos inibidores e resistentes às mudanças, principalmente no que se refere aos papéis de gênero, que ressaltam sexualidades e parcerias cristalizadas em uma cultura tradicional, fática, homofóbica e heterossexista.

A idéia de território não pressupõe um espaço determinado, no qual ocorre a permanência de grupos de tal forma que impossibilite a ruptura de fronteiras por eles. Ou seja, há um trânsito reiterado entre territórios de indivíduos que optam por estilos de vida diversos, que não podem ser vivenciados em outros espaços marcadamente freqüentados pelo outro, do outro.

Da mesma forma, a idéia de parcerias mutáveis e flexíveis a novas experiências – assim como outras mais rígidas, com marcas de gênero sexista e que desejam compromissos mais tradicionais – é perfeitamente possível de ser encontrada, inclusive nesses territórios. Mesmo assim, a referência continua sendo a do casal “regular”, presente em análises que destacam tanto as mudanças como as permanências nas relações conjugais, sejam elas tradicionais ou alternativas.

O contexto em que se desenvolve a discussão

Diferentemente de outras doenças sexualmente transmissíveis, a AIDS trouxe novos elementos que implicaram a revisão de conceitos e de práticas aceitos sobre as orientações sexuais de homens e de mulheres, dando visibilidade a diferenças até então silenciadas. Assim, procuramos compreender como se manifestavam as sexualidades masculinas e femininas em um contexto de emergência, prevenção e discussão da AIDS, nas décadas de 1980 e 1990.

Este foi um ponto de partida para a análise das sexualidades, levando em consideração as afirmações de que houve mudanças de comportamento, retraimento ou diminuição no número de parceiros, aceitação do uso de preservativos, em relações livres e ocasionais e mesmo entre parceiros fixos, abertura para o diálogo entre as parcerias, o que poderia sugerir relacionamentos mais democráticos, uma vez que havia espaço para a expressão, discussão e maior visibilidade de múltiplas manifestações da sexualidade.

Alguns autores têm apontado o surgimento de novos homens e mulheres, o que se esperava que levasse ao engendramento de comportamentos e valores distintos dos que permeavam os modelos tradicionais. Entretanto, Foucault lembra que a necessidade de se falar destes “novos sujeitos” passa pela idéia de encontrar outras formas de classificação, de ordenamento, de “tornar legível o que parece confuso”. Quando não se pode mais falar de um único modelo hegemônico de ser homem e de ser mulher, do qual uma simples classificação binária (masculino *versus* feminino) dava conta, essa parece ser uma boa “técnica” para “restaurar” a classificação de gênero, mesmo às avessas (RAMOS, 2000, p. 58).

Com o inicial clima de medo ocasionado pela contaminação do vírus da AIDS – havia mui-

tas outras barreiras a serem transpostas para pensarmos que houve significativas mudanças de comportamento em relação à forma de compreender a sexualidade –, não seria mais possível admitir que os cuidados e a responsabilidade pela transmissão de doenças sexuais, a prevenção da gravidez, dentre outros aspectos, permanecessem centrados apenas na mulher. Da mesma maneira, o contexto também exigia a discussão mais que urgente da homossexualidade, bissexualidade ou outras formas de expressão da sexualidade, até então relegadas a plano secundário.

Pesquisas realizadas concluíram que categorias como heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade são menos conhecidas e disseminadas nos discursos da cultura sexual brasileira do que noções de atividade e passividade, sobretudo entre as camadas populares (PARKER, 1991). Compreendemos, portanto, a dificuldade de indivíduos em se identificarem sexualmente para que se construísse uma classificação na qual fossem enquadrados os potenciais contaminadores de doenças sexualmente transmissíveis e os meios de contaminação do vírus HIV.

Além disso, muitos homens que são parceiros ativos em interações sexuais, especialmente em relacionamentos ocasionais, não se consideram homossexuais ou bissexuais. Em geral, os que são reconhecidos com essas designações são os parceiros de interações sexuais passivas.

Considerando essa problemática, Parker (1991), em pesquisa realizada entre grupos de homossexuais no Brasil, chegou à conclusão de que, apesar e principalmente diante dos números alarmantes de infecção com o vírus HIV, alguma mudança comportamental tenha ocorrido, mas não de forma significativa, mesmo ressaltando-se a importância do trabalho educativo e preventivo entre esses grupos, já em andamento.

A convivência com a ameaça constante de contaminação pelo vírus e a incerteza de como proceder, nesse caso, aliaram-se às especulações fantasiosas sobre a origem da AIDS e a rejeição ao uso do preservativo – apontado como o único meio de prevenir a transmissão em relações que culminem com a penetração –, gerando informações de cunho discriminador.

Essa realidade do “comportamento de risco” não foi encontrada apenas no Rio de Janeiro ou em São Paulo, cidades densamente urbanizadas. No que se refere à cidade de Fortaleza e, acreditamos, no país como um todo, a resistência ao uso do preservativo entre prostitutas e seus clientes, e mesmo entre elas e seus parceiros e/ou namorados, ainda é significativa.

A partir da década de 1980, a preocupação com a emergência e disseminação da AIDS, no Brasil e no mundo, levou a um crescente interesse por pesquisas sobre a sexualidade, enfocando, principalmente, o comportamento sexual e suas práticas, a noção de risco e de contaminação. Os grupos mais visados foram os que permaneceram estigmatizados e identificados como potenciais disseminadores do vírus, ou seja, aqueles que mantinham atividades consideradas promíscuas, dentre eles, os que faziam prostituição e os homossexuais.

Inúmeras publicações destacam a relação entre sexualidade e AIDS, congregando diversas pesquisas que abririam as portas para o debate mais que tardio acerca das sexualidades consideradas lícitas e ilícitas, normais e anormais, heterossexuais e homossexuais (DANIEL e PARKER, 1991; COSTA, 1992; LOYOLA, 1998; SOUSA, 1998; HEILBORN, 1999) e que também agregavam as queixas e dúvidas de homens sobre a masculinidade hegemônica (COSTA *et al*, 1986; NOLASCO, 1995; LINS, 1998; BOECHAT, 1997; CALDAS, 1997; COSTA, 1994).

Entretanto, as duas décadas assim contextualizadas não estariam suficientemente historicizadas,

caso não considerassem as significativas discussões que vinham sendo realizadas acerca das sexualidades masculinas e femininas, sobretudo com os debates norteados pela categoria de gênero, dando visibilidade às mulheres na sociedade e na academia (MATOS, 2000). “De repente, no entanto, todas essas conquistas sofreram um significativo abalo com o aparecimento da AIDS. A aventura da descoberta deu lugar ao conservadorismo. O sexo transformou-se na ante-sala da morte” (COSTA, 1994: 143).

A década de 1970, que vê nascer os primeiros trabalhos científicos sobre a masculinidade, tem o tom da paixão que sempre acompanha as denúncias. Há uma espécie de alegria excessiva em questionar a norma e mostrar todas as contradições a que ela submete o macho humano. Mas ao prazer da denúncia e da destruição do modelo sucedeu, nos anos 80, um período de incerteza carregada de angústia. Mais do que nunca o homem é um problema a ser resolvido, e não algo dado (BADINTER, 1993: 5).

Em termos mais gerais, na década de 1980 foram vivenciados e discutidos a crise econômica mundial, o desemprego, a violência urbana e o fim da Guerra Fria. As políticas de cunho neoliberal foram levadas adiante, tendo Ronald Reagan, nos Estados Unidos, Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Fernando Collor, no Brasil, como os principais divulgadores de “uma ideologia em que o importante era ‘ter seu primeiro milhão antes dos 30 anos’, numa atitude individualista, cristalizada no estilo *yuppie* e na imagem do homem de ombreiras infladas, simulacro dos músculos de Rambo” (CALDAS, 1997: 153).

Diante desse contexto nada promissor, como se configuravam as sexualidades masculinas e femininas? Por meio da análise de entrevistas e de cartas enviadas a Juliana, realizamos uma, dentre diversas leituras, das sexualidades masculinas e femininas em termos de mudanças e de permanências de valores. Consideramos, ainda, as discussões que presumiam modificações de comportamentos na convivência com o vírus HIV, assim como a forma de relacionamentos conjugais nos quais se constataria mais diálogo e respeito, constituindo relações mais abertas e democráticas.

Caso assim tivesse acontecido, como se explicam a contaminação e o aumento da incidência de contaminados? Como explicar as estatísticas alarmantes sobre violência sexual e o contínuo e crescente número de homicídios perpetrados por homens que se consideram proprietários de suas esposas?

A leitura dos classificados eróticos da revista *Private* nos permitiu perceber a diversidade de ofertas de serviços sexuais. Os responsáveis pelas múltiplas práticas registradas nas páginas de jornal não demonstram preocupação com o contexto de epidemia do vírus HIV. Da mesma forma, ao que parece, não houve interrupção ou diminuição de práticas consideradas sexualmente promíscuas.

Juliana¹ lembra o medo que abatia as prostitutas e seus clientes, em momentos nos quais era anunciada, pelos meios de comunicação, na década de 1980, a morte de pessoas públicas. Porém, após alguns dias, o silêncio e a ausência de novidades a respeito da AIDS faziam com que a vida voltasse ao normal, apesar do espectro da morte ainda rondar bem próximo, tal como se fazia apresentar, nas campanhas de prevenção, a “cara da AIDS” naqueles dias. Segundo se expressou a nossa entrevistada,

(...) A gente não se ligava muito nas outras DSTs, só se importava com a AIDS. Mas quando os homens começaram a sumir, freqüentar menos, principalmente quando eles ouviam falar que tinha morrido alguém de AIDS, um ator, um cantor, aí o 705 passava uma semana todinha sem aparecer ninguém. Quando eles esqueciam mais que aquela pessoa tinha morrido, aí começavam a voltar. E a gente também ficava desesperada querendo sair só com camisinha. A gente dizia: ‘O homem pode botar o dinheiro aqui na minha mão que eu não vou sem camisinha’. Depois que passava uma semana eles esqueciam, a gente esquecia também. Mas a gente sempre comprando camisinha, eu e uma amiga minha. Porque ela morria de medo de doença, era hipocondríaca. A gente comprava uma caixa para nós duas e começava a insistir com os homens, mas eles não queriam usar. A gente exigia, conversava com o homem, dizia que só queria com camisinha e tudo; mas, se ele dissesse que não, a gente não podia perder o dinheiro. Até porque na época a gente só tinha a prostituição. Aí quando a gente se engajou na Inter Aide, mesmo ganhando meio salário, a gente já começou a botar mais banca, a gente começou a ir mesmo só com camisinha (Entrevista concedida por Juliana, fevereiro/2001).

Juliana comenta também a respeito de um contato que fizera, por meio de correspondência,

com um leitor da *Private*, com quem pretendia encontrar-se em São Paulo para satisfazer uma fantasia dele. Porém, ela tinha receio de participar de determinadas fantasias sexuais – relações com mulheres, por exemplo – e do descaso deles para com o uso de preservativos:

[...] *E ele queria realizar uma fantasia comigo em uma casa dessas, de swing, mas era em São Paulo. E ele só me perguntando se eu estava pronta para ir e eu adiando, adiando, com medo. Com medo porque eu nunca participei disso. Aí eu pensava: 'Meu Deus, se eu topar, eu tenho que ir com ele para essa casa ficar trocando de casal e tudo no escuro'. E para a gente saber se o homem estava de camisinha só pegando, tinha que pegar no pau do homem, só no tato [...]. Quando eu perguntei: 'E a camisinha, no escuro, como é que a gente sabe se o homem está com a camisinha?' 'É no tato, você pega e vê se ele está com a camisinha; se estiver, você vai.' Aí eu só adiando a ida, até que botei um outro anúncio na revista. Já estava para sair outro anúncio, nunca sai no mesmo mês. [...] Aí eu sei que foi na época que saiu o anúncio que eu mostrei o rosto, e ele não gostou. Ligou para mim e disse que tinha visto e que não tinha nada a ver, que ele não tinha gostado. [...] Não sei qual era a dele também comigo. Eu sei que ele estava mesmo interessado que eu fosse para lá para realizar essa fantasia com ele. Me mandou até olhar as passagens* (Entrevista concedida por Juliana, 2/2001).

Apenas dois, dentre os 200 correspondentes de Juliana, registram em suas cartas a preocupação com o uso de preservativos para evitar a contaminação com o vírus HIV, conforme se lê nos trechos a seguir:

Divirta-se, mas tenha cuidado com o vírus HIV. Conheço vários casos e alguns óbitos. Todo cuidado é pouco, todos somos grupos de riscos. Não confie em ninguém (H., São Paulo, 1/1998).

Fisicamente sou branco, 1,70m, olhos e cabelos castanhos, solteiro, nível universitário, uso sempre preservativo em minhas relações (M., Fortaleza, 1/1998).

Por estes depoimentos, é possível observarmos algumas mudanças nas relações entre os gêneros, assim como nos relacionamentos entre pais e filhos, patrões e empregados, referentes à absorção de novos conceitos que tentam dar conta da dinâmica social. Compreendemos que, mesmo diante de tanta resistência, é impossível sustar o movimento de mudanças.

Entretanto, ao observarmos o cotidiano de homens e mulheres, não há como negar que romper com o passado implica um trabalho de persistência e de luta contínua até mesmo para compreendermos os avanços e recuos, e a convivência entre o novo e o velho modelos de homens e de mulheres. Afinal, não se “muda o mundo mudando as palavras”. (BOURDIEU, 1998: 26) ou conceitos. Conforme o autor,

(...) *Estes [dualismos], profundamente enraizados nas coisas (as estruturas) e nos corpos, não nasceram de um simples efeito de nomenclatura verbal e não podem*

ser abolidos com um ato de magia performática – os gêneros, longe de serem simples ‘papéis’ com que se poderia jogar à vontade (à maneira das drag queens), estão inscritos nos corpos e em todo um universo do qual extraem sua força. É a ordem dos gêneros que fundamenta a eficiência performativa das palavras – e mais especialmente dos insultos – e é também ela que resiste às definições falsamente revolucionárias do voluntarismo subversivo (BOURDIEU, 1999: 123).

As décadas de 1980 e 1990 trouxeram um contexto em que uma doença letal (dentre outros motivos) poderia levar ou não ao retrocesso de comportamentos e de conquistas duramente garantidas, como é o caso dos direitos dos trabalhadores, do casamento entre homossexuais, da não-imposição da virgindade da mulher para casar, e inúmeros outros. Ao analisarmos um período como esse, compreendemos com mais criticidade as dificuldades de aceitação das diferenças, da violência se impondo e tentando pôr tudo em seu devido lugar, último grito agonizante que busca impedir os modos de vida alternativos.

Procura-se algo mais

Juliana, personagem principal desta aventura, foi convidada a conhecer outros territórios diferentes dos que havia conhecido na prostituição, como o território privado da revista *Private*. Assim, residente em Fortaleza, anunciou na *Private* e recebeu correspondências de homens de quase todo o Brasil. Conforme nos contou, por meio desses anúncios, ela viveu novas experiências no campo das sexualidades:

*Meu primeiro anúncio na **Private** foi em 1998, antes de conhecer o Major [atual companheiro]. Eu publiquei só três anúncios e comecei a publicar na revista porque eu tinha amizade com um rapaz que já anunciava nessa revista e ele me perguntou se eu queria participar também. E eu fui, por curiosidade, aceitei para ver como era [...]. Esse amigo que me chamou para participar da revista me mostrava muitas cartas de pessoas altamente interessadas nele, homossexuais chamando ele para morar em outro lugar, que tinha uma vida muito boa para oferecer, que era isso, era aquilo, dono de empresa, era empresário. Aí eu pensei: ‘Sabe de uma coisa, acho que vou ver se eu arranjo um empresário também’ (Entrevista com Juliana, 2/2001).*

Uma breve descrição da *Private* pode facilitar a compreensão sobre a análise das cartas e de seus freqüentadores que será desenvolvida posteriormente. A revista, registrada em cartório de títulos e documentos desde 21/1/1985, é “uma distribuição mensal da Galvão Editora e Distribuidora Ltda.”², com circulação nacional. Além de suas edições regulares, os editores trabalham com tiragens extras, dentre elas, a *Private Collection* que, conforme indicam, é “a primeira revista de bolso com propostas de sexo”³. Também é possível acessá-la por meio da *homepage*.

No que se refere ao conteúdo da revista, trata especificamente de fantasias sexuais, assim distribuídas por suas páginas: *Editorial*: espaço no qual são apresentadas as novidades da edição; *Sumário*: onde constam fotos das principais “modelos” em “en-

saios fotográficos” e a forma como o conteúdo da revista foi distribuído; *Tribuna do leitor*: seção destinada a críticas, sugestões e comentários de leitores; *Diário sexual*: espaço aberto para os leitores enviarem textos em que relatam suas aventuras sexuais; *Leitores em close*: dedicado aos anúncios e fotos dos correspondentes em que apresentam suas fantasias, descrevem a si mesmos, o parceiro(a) que procuram e os meios de que dispõem para que possam se comunicar (caixa postal, celular, telefone, horário, e-mail); *Correio confidencial*: semelhante aos classificados eróticos de jornais, também difere do *Leitores em close*, por não publicar fotos de seus anunciantes. Neste, o correspondente dispõe de formulário-padrão no qual envia seu anúncio para a revista; *Espaço alternativo*: outro espaço para histórias sexuais escritas pelos leitores ou para publicação de “ensaios fotográficos”.

As páginas da revista são repletas de fotos que, na linguagem de seus frequentadores, significam a exposição de corpos nus, sós ou acompanhados, mantendo ou não relações sexuais. Além do mais, há uma grande diversidade de propaganda de produtos eróticos, revistas e vídeos, motéis, boates, clínicas de psicoterapia de casais, entre outros serviços, que garantem a verba necessária à sua publicação. A vendagem dos exemplares é feita ao preço de R\$ 8,50 cada um (valor de julho de 2003).

Anunciar na *Private* é gratuito, desde que o interessado adquira um exemplar e preencha o “formulário de participação do leitor”, que contém em seu verso uma declaração autorizando a publicação da mensagem e de fotos, de responsabilidade do próprio correspondente. Reserva-se à revista “o direito de corrigir os textos dos leitores, bem como deixar de publicar os que estiverem em desacordo com as normas ou ilegíveis” (*Private*, 2003: 106). O anunciante deve, ainda, dispor de uma caixa postal

ou endereço eletrônico para manter correspondência com o grupo.

Como correspondente da *Private* durante o ano de 1998, Juliana recebeu mais de mil cartas, das quais doou 200 a esta pesquisa. As missivas, originárias de homens residentes em cidades de praticamente todo o Brasil, revelam desejos, fantasias, sofrimentos, solidão, dentre outros sentimentos que reportam à discussão das sexualidades. Dos 27 estados brasileiros, apenas de 8 deles, Juliana não recebeu correspondências.

Algumas questões relacionadas ao conteúdo da revista sobre quem eram seus frequentadores, suas procedências e seus objetivos foram fundamentais para compreender os apelos dos missivistas a Juliana, a probabilidade de ela escolhê-los, bem como o tipo de relação que desejariam estabelecer com ela. Para que fosse possível constituir uma percepção mais ampla do material e dos conteúdos disponíveis nas cartas, foram montados quadros considerando a origem da correspondência, a faixa etária, etnia e estado civil dos missivistas, bem como o tipo de compromisso e ou fantasia que gostariam de realizar com Juliana.

A leitura das correspondências nos chamou a atenção para a diversidade de experiências, de desejos e de anunciantes, o que levou à necessidade de conhecermos a revista propriamente dita. As cartas recebidas por Juliana, os classificados eróticos e as entrevistas dos clientes de prostitutas apresentavam muitos aspectos em comum, justificando a junção desse material em uma única discussão. Todos eles constituem assuntos representativos da pluralidade de manifestações sexuais que não se fecham somente à idéia do “casal regular”. São territórios abertos a experiências sexuais cujo objetivo é a satisfação de fantasias, isto é, de desejos que fogem às práticas sexuais estabele-

cidas, em uma busca e troca incessante de parceiros, uma ânsia por novidades e produtos eróticos que possibilitem viver a intensidade dessas relações.

Juliana procurava parceiros que se adequassem às suas necessidades e sonhos, ou seja, que não fugissem tanto às práticas sexuais que estava acostumada a encontrar no território da prostituição. “Quando eu ia selecionar as cartas, eu procurava ver as fantasias deles, coisas que eu era capaz de fazer. Procurava o mais simples” (Entrevista com Juliana em 2/2001). Na prostituição, ela se especializou em atender demandas por sexo vaginal e oral.

Os territórios da prostituição e da *Private*, na compreensão de Juliana, distinguem-se pelo tipo de frequentadores e suas demandas. No primeiro, homens de segmentos sociais populares, mas não exclusivamente, são seus principais clientes, uma vez que a mesma frequenta o baixo meretrício no Centro de Fortaleza, o que limita, mas não impede que haja espaço e possibilidades de realização de determinadas práticas sexuais. No segundo, a frequência de indivíduos de diversas condições sociais possibilita, mais ainda, a ampliação do jogo de sedução e fantasias.

Assim, para Juliana, a demanda por certas experiências sexuais é a novidade que a revista tem a lhe oferecer e que a faz restringir os contatos com os correspondentes, pois ela não aceita participar de práticas que considera bizarras e anormais:

(...) Mas, quando eu entrei para essa revista, eu não sabia como era. Porque esses leitores da revista querem realizar fantasias e eu não sabia que era isso. Realizar fantasias com as mulheres deles com outro homem, como já recebi vários convites por telefone [...] Então, é

assim, esse tipo de fantasias que eu não sabia que existia quando me envolvi na revista. A maioria deles só quer mesmo para realizar fantasias. E eu achava que ia arranjar um cara legal, de dinheiro, estribado, como eles mandavam dizer que era empresário, que era isso, que era aquilo e que eu ia só curtir, conhecer lugares, passear (entrevista com Juliana, em 2/2001).

Analisando o conteúdo das cartas no que se refere à construção dos discursos, observamos que é corriqueira a padronização das mensagens textuais e dos depoimentos que, muitas vezes, correspondem a descrições estabelecidas como ideal-típico de homens e de mulheres. No caso dos entrevistados, clientes de prostitutas, o fato de serem os únicos provedores na família implica, na concepção deles, o direito à diversão nos finais de semana; o assentimento da “animalidade sexual e natural” dos homens, confirmando uma sexualidade desenfreada e insaciável. Este fato é corroborado pelo conteúdo de muitas cartas e dos anúncios nos quais predomina a temática da insaciabilidade sexual masculina e a constante busca de aventuras sexuais.

Os anunciantes assemelham-se, ainda, na utilização dos principais adjetivos que podem chamar a atenção do leitor e facilitar a elaboração do texto, parecendo ser um fator mais relacionado a padrões de anúncio. Os aspectos valorativos relacionados ao “caráter e ao corpo do anunciante”, ou seja, aos “kits de perfis-padrão” (ROLNIK, 1997), se adaptam às últimas ofertas e modas colocadas à disposição no mercado do fetichismo.

Os “kits de perfis-padrão” são estilos de vida, de comportamentos produzidos para serem consumidos por quaisquer indivíduos nas sociedades

modernas ocidentais. Ter um corpo “durinho”, ser “quase loira”, “linda”, “fogosa”, “estilo mulherão ou morena do tchan” são modelos de corpos vendidos a quem se dispõe a modelá-los. Nesse sentido, segundo Rolnik, as implicações da globalização no processo de formação ou de readaptação de identidades levantam o seguinte questionamento:

[...] *A figura moderna da subjetividade, com sua crença na estabilidade e sua referência identitária, agonizante desde o final do século passado, estaria chegando ao fim? Não é tão simples assim: é que a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis, que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade (ROLNIK, 1997: 20).*

Identidades são constantemente recriadas, repetidas, copiadas e readaptadas aos novos e tão velhos discursos de mudança e flexibilidade dos modos de ser homem e de ser mulher. Já não são apenas os meios de comunicação que os descrevem, pois há a absorção de “kits de perfis-padrão” pelos missivistas, adaptando-os ao seu bel-prazer no momento em que se descrevem nas cartas e nos jornais.

Trabalhar com cartas de correspondentes da *Private* nos chama atenção para alguns aspectos re-

levantes. Um deles refere-se aos questionamentos acerca da internet como sendo o meio de comunicação por excelência que tornaria o ato de escrever obsoleto. Entretanto, um dado se contrapõe a estas cartas, apenas um correspondente perguntou se Juliana “teclava” (linguagem específica dos que se correspondem pela *internet*), fato que poderia facilitar e agilizar a comunicação entre eles. Apesar da grande divulgação, a informática ainda é um luxo restrito a poucos. Escrever cartas, mesmo diante de todas as dificuldades de lidar com a escrita, é uma atividade de fácil acesso a qualquer pessoa, desde que alfabetizada. Vejamos, a seguir, alguns trechos:

Não me furto de deixar transparente a sinceridade e honestidade em minhas intenções para contigo. Nesta troca de missivas pois curto muito escrever e receber cartas. Muitas amizades foram feitas por essa via de comunicação e pretendo tê-la como a minha mais recente amiga. Mas isso é claro, vai depender de você na avaliação feita sobre a impressão que deixo neste contato (G., Rio de Janeiro, 1/1998).

Bom, Juliana, gosto muito de escrever, adoro enviar cartas (e ter resposta, é claro), por isso escrevo muito. Mas é que sou uma pessoa muito transparente e comunicativa. Sei o que, como e quando se quero algo. E ponto final. Minha intuição me disse por diversas vezes que eu deveria escrever-lhe. E aqui estou eu, me ‘abrindo’ novamente, na esperança de conhecer novas e interessantes amizades, no anseio de que você seja uma nova e bela amizade; e agradeço a você,

a seu anúncio por isso (P., Brasília, 5/1998).

Adorei sua carta e voce. Voce é uma pessoa exuberante. Confesso que fiquei excitado ao vê-la na foto. Devo estar indo à Fortaleza em junho. Até lá, gostaria ainda de manter contato via carta e trocar fotos com voce. Confesso que adoro receber fotos, me excita muito. Depois de conhecê-la pessoalmente, daí já não funciona do mesmo modo. As fotos já não provocam impacto e não podemos mais fantasiar... Não é mesmo? (L. B., São Paulo, 3/1998).

Enfim, as cartas possuem características que a *internet* não tem como substituir: a ânsia da espera pela resposta que não se dá em tempo virtual; a letra; o papel de carta e o envelope que são identificadores de sentimento, esmero e dedicação de uma prática que se imaginava com os dias contados. Correspondências via correio postal e *internet* são dois meios de comunicação, duas técnicas distintas que convivem em um mesmo período histórico sem que, necessariamente, uma transforme a outra em atividade obsoleta ou retire suas respectivas especificidades e atrativos.

Nas duas primeiras cartas destacadas, os anunciantes dão ênfase ao aspecto “fazer amizade” por meio da *Private*, prática que tornaram habitual. Da mesma forma, também apresentam dúvida e reservadamente suas intenções, afirmando “sinceridade”, “honestidade” e “transparência”. O jogo de palavras e as adjetivações pessoais padronizadas têm como estratégia seduzir e escamotear os objetivos finais, quem sabe, adiando o momento de revelar-se como realmente o são.

Na última carta destacada, diferentemente das anteriores, o missivista vai direto ao assunto, afirmando gostar de escrever e receber cartas e fotos, que perdem o poder de seduzi-lo ao conhecer o missivista. Dessa forma, ele denota uma prática constante de corresponder-se e, assim, alimentar seu imaginário e suas fantasias sobre seus prováveis correspondentes.

Observamos ainda que, dada a variedade de profissões informadas pelos anunciantes, não seria difícil o acesso de grande parte deles à correspondência eletrônica. Dos duzentos correspondentes, apenas 55 indicaram suas [prováveis] atividades ou profissões, identificando-se como publicitário/jornalista, empresário/executivo, engenheiro, advogado, professor universitário, biólogo, químico, fotógrafo, piloto civil, instrutor de auto-escola, investigador, técnico em eletrônica, eletricitista, enfermeiro, militar, controlador contábil, bancário, comerciante, médico, psicólogo, diretor de rádio, músico, funcionário público, modelo/manequim, programador. É importante lembrarmos que as estratégias de sedução são constantemente acionadas para chamar a atenção do leitor, sendo que uma delas é assumir uma profissão ou atividade que possa indicar status, poder, jovialidade; o que não quer dizer que muitos também apresentem atividades que não são reconhecidas e prestigiadas, conforme se pode ver a seguir:

Tenho 28 anos, 1,80m, solteiro, ótimo nível, de bem com a vida. Sou executivo de uma multinacional, e por causa de compromissos, minha vida social é pouco intensa (M., São Paulo, 4/1998).

Tenho 42 anos, 1,82m, 90kg, divorciado, empresário do ramo turístico com

várias lojas pelo Brasil. Viajo muito ao exterior e também pelo Brasil (L. B., São Paulo, 2/1998).

Senti igualmente ter muito em comum, pois como vocês tenho alto nível social e cultural, excelente condição físico, e principalmente discrição e responsabilidade pois, ocupo cargo em empresa pública (Dr. C., São Sebastião-SP, 3/1998).

As missivas dos correspondentes de Juliana sugerem a plasticidade das ofertas e demandas por serviços sexuais e, mesmo, como seus anunciantes afirmam, a busca por “compromissos sérios”, utilizando um veículo de comunicação de massa, como a revista, que circula facilmente por todos os segmentos sociais, o que se pode comprovar nos textos seguintes:

Estou escrevendo novamente por que estou muito interessado em conhece-la melhor seja por carta ou pessoalmente. No anuncio você pede um homem sincero e eu estou sendo contigo mais do que já sou ao natural, você sabe fazer tudo da forma mais correta, não mostrou o rosto e deve ter deixado muitos homens curiosos e anciosos [...]. Sei que você deve ter recebido centenas de cartas, mas por favor me de um pouquinho só de atenção o minimo que seja. Faça a vontade de um homem sincero acima de tudo e que esta procurando uma mulher solitária, sincera. Não precisa ser bela seja você mesma e eu te darei meu mundo (F., Porto Alegre, 5/1998).

Iniciar uma correspondência e garantir sua continuidade requer o acionamento de estratégias de sedução e de *marketing* pessoal, como afirmar ter a intenção de “manter relações de amizade ou estar à procura de compromissos sérios”. Para tanto, apresentar-se como uma pessoa “honesta, transparente, sincera, sem vícios”, dentre outros argumentos, pode ser meio caminho percorrido.

Para chegar à meta final, descrever-se como homem ou mulher financeiramente estável e com idade, corpo e profissão dentro do que é esperado pelos que freqüentam a revista amplia a possibilidade e a expectativa de encontrar o homem ou a mulher dentro do “*kit* de perfil-padrão” encomendado “aos céus!”. Na interpretação de Nolasco,

Uma das implicações dessa dinâmica é a construção de relacionamentos concentrados no sexo de baixa emoção e alta intensidade. A exemplo disso, temos uma infinidade de revistas masculinas, repletas de fotos sensuais e pornográficas, em que mulheres, ou homens, são objetos de desejo, mas não de amor (NOLASCO, 1997: 25).

Orientada por um freqüentador da Revista, Juliana também soube acionar estratégias que a tornaram misteriosa e sedutora, a ponto de levar seus pretendentes a imaginá-la como eles queriam que ela fosse. Em uma foto de corpo inteiro, usando maiô e roupão, Juliana não revelou seu rosto; apenas deixou entrever um discreto sorriso, o que fez por merecer elogios como os que se seguem:

Causou-me encantamento a sua maneira de se expressar e de se colocar em uma

REVISTA DE SEXO. Tem você uma impecável plástica e uma forma delicada e sensível de procurar seu algo mais [...]. Pareceu-me que estava vendo um lírio florescendo no meio do lodo e perfumando tudo em sua volta, o seu habitat. Longe de mim em depreciar ou julgar os assinantes da revista, sejam eles homens ou mulheres. Como sabemos é uma revista onde cada um expressa o que quer e como lhe convém. Mas você foi diferente e bem sutil – seu corpo desnudo (o qual é belo), sem rosto exposto (J. B., Rio de Janeiro, 1/1998).

Posteriormente, em outra foto de corpo e rosto, desfizeram-se a magia e o mistério iniciais, decepcionando alguns de seus admiradores. Um dos correspondentes que Juliana conheceu por meio da revista *Private* resolveu encerrar a “relação de amizade” e os planos de viagem para um novo encontro – os dois primeiros haviam acontecido em Fortaleza –, queixando-se, por telefone, que ela não deveria ter se exposto da forma como fizera.

Magia, mistério, sedução, sonhos e fantasias misturam-se e se tornam fundamentais nesse jogo de conquistas. As ofertas de devaneios criam um clima de encantamento que deve ser prolongado ao máximo possível, a fim de evitar a rotina que impede a vivência de algumas fantasias.

Podemos observar também o devaneio no momento de escrever as cartas. Nelas, os correspondentes da *Private* utilizam uma diversidade de papel de carta e de envelope, assim como dedicam certo tempo em seu processo de elaboração. Os envelopes, por exemplo, variam: há os característicos de

carta pessoal padrão, identificados pelas cores verde e amarela em suas extremidades; os brancos e amarelos; os de uso mais restrito ao serviço público e a escritórios, em amarelo e marrom, afinal, muitos dos remetentes devem passar a maior parte do dia em seus locais de trabalho.

A sobrescrita de alguns envelopes é datilografada ou digitada; outros portam a própria letra do correspondente; em outros, possivelmente os missivistas pedem a quem possui uma caligrafia considerada mais elaborada para subscrever. Alguns usam carimbos pessoais como forma de demarcar seu próprio espaço e cargo em determinada empresa. A identificação pessoal também varia: o nome completo, apenas o prenome, iniciais, codinome, ou somente endereço ou caixa postal. O tamanho e o formato dos envelopes variam conforme seu conteúdo.

Com relação ao material existente nos envelopes, identificamos basicamente quatro tipos: a carta propriamente dita, as fotos ou cópias xerográficas de fotos, fragmentos de papel com lembretes e cartão de visita pessoal que identifica o correspondente, seu cargo e a empresa; e, em alguns casos, segundo depoimento de Juliana, dinheiro para a compra de passagem de ônibus para que ela fosse ao encontro do missivista.

O tipo de papel utilizado na elaboração da carta também tem uma certa variação. Para escrever as cartas, usam desde o transparente, fino e com pauta ao papel ofício de vários tamanhos e cores; folhas de cadernos, grandes e pequenas; receiptários para prescrição de remédios; papéis com timbre de empresas; e fragmentos de papel de caderno. Dependendo da urgência de uma resposta, alguns utilizam telegramas; não é usual, mas ajuda a agilizar o contato e o encontro, quando não se dispõe ainda do telefone do outro ou se um dos dois se encontra em trânsito.

Sobre o esmero na elaboração das cartas, encontramos de tudo um pouco, ou seja, desde a carta mais formal, contendo pedidos de desculpas por estar tratando Juliana com certa informalidade, apesar de não a conhecer, até desenhos de rosas e corações; cartas escritas com canetas coloridas; poesias; imagens de casais, recortadas de revistas, em posição “desinibida” e explícita.

A expectativa quanto à possibilidade de retorno da carta enviada leva alguns missivistas a darem informações sobre como economizar com a postagem, indicando que Juliana escreva no envelope tratar-se de carta social, o que lhe custará apenas R\$ 0,01 (um centavo). [J., Recife-PE, 5/1998].

Destacamos também as descrições que missivistas e anunciantes dos classificados fazem de si para o outro. Em um primeiro momento, a descrição elaborada é dele para ele mesmo, pois anunciantes e correspondentes da revista forjam imagens ideais de como gostariam de ser e, muitas vezes, se auto-criam, ressaltando qualificativos que, acreditam, agradaria a qualquer homem e ou mulher. Ao mesmo tempo é também uma representação de si para o outro, que espera uma identificação com o perfil que está sendo apresentado.

Ironicamente, podemos afirmar ser este um encontro de “almas gêmeas” globalizadas e globalizantes, engendradas a partir da identificação de “kits de perfis-padrão” fornecidos pelo mercado capitalista, no momento em que se pensa ou imagina estar ocorrendo uma transformação qualitativa nas novas gerações, que poderia levar ao surgimento de novos homens e mulheres. Segundo Rolnik,

Essa nova situação, no entanto, não implica forçosamente o abandono da referência identitária. As subjetividades

tendem a insistir em sua figura moderna, ignorando as forças que as constituem e as desestabilizam por todos os lados, para organizar-se em torno de uma representação de si dada a priori, mesmo que, na atualidade, não seja sempre a mesma essa representação (ROLNIK, 1997: 20).

Essas descrições que se amoldam aos perfis-padrão se encontram nas cartas de forma explícita. Entretanto, somente após a leitura mais atenta desse material é que percebemos as prováveis armadilhas que poderiam conter as sedutoras apresentações ou identidades *prêt-à-porter* – prontas para o consumo imediato do outro. São perfis com os quais os indivíduos “se vestem”, amoldando um estilo e uma personalidade que vêm colados “gratuitamente” à sua nova pele. Nas palavras de um missivista: “O perfil que você busca, me encaixo totalmente porque sou muito parecido com o ator “Antonio Fagundes”, separado e moro sozinho, professor universitário” (P., São Paulo, 13/1/1998).

Por fim, é possível encontrar nas cartas, descrições referentes ao pênis cujos qualificativos indicam virilidade, tamanho e potência. Porém, como os classificados eróticos de jornais são veículos de comunicação abertos e acessíveis ao público, certamente os anunciantes são orientados para não utilizar linguagem muito explícita. Quando muito, podemos observar descrições relativas ao fato de ser “bem-dotado”, “viril” ou “superviril”.

No caso dos clientes de prostitutas entrevistados, não há menção direta ao pênis nas referências que fazem à sua masculinidade. Entretanto, ressaltam-na em alusões à obrigatoriedade de uma iniciação sexual precoce, à necessidade de ter outras, além

da esposa ou namorada e à crença em uma “sexualidade animal” e insaciável. Assim, o fato de não se referirem ao pênis pode sugerir uma inibição na relação pesquisadora-pesquisado, que se traduz em um discurso cauteloso por parte deles.

Diferentemente nas cartas, por serem documentos mais íntimos endereçados a determinados indivíduos, há maior liberdade de expressão e de uso de adjetivos. Por meio das correspondências é possível, inclusive, enviar fotos e/ou falar do tamanho do pênis e da experiência sexual do missivista.

Ser “bem-dotado”, “viril” ou ainda ter “ereção prolongada e farta” parece estar em consonância com a idéia de que tamanho e desempenho influiriam na decisão de Juliana, ou de outros anunciantes e leitores, no momento de selecionar o missivista com quem se corresponder. Assim, em suas descrições, muitos não esquecem de apresentar seu “companheiro inseparável”, destacando suas “melhores referências”: “bem-dotado e farta ejaculação”; “ereção prolongada e ejaculação retardada”; “super bem-dotado”; “vasectomizado”; “um belo instrumento”; “totalmente depilado e com farta ejaculação”; “viril”, “superpotente”.

O “certificado de garantia” de perfeito funcionamento do “companheiro”, do “instrumento”, do “mastro”, do “dote” e do “pau”, como se reportam muitos dos missivistas ao seu pênis, não poderia estar completo caso faltassem referências às suas dimensões: 18x6cm; 18x8cm; 21x4,5cm; 20x5cm; 19x14cm; 19x11cm; 16x13cm; 14 de pinto; 22,5x13,5cm; 18x7cm; 25,5x6,5cm; 20cm; 18cm; 25x8cm. Segundo Taylor,

O importante acerca do pênis humano não é sua capacidade de fertilização mecânica quando ereto, mas sua visibi-

lidade quando flácido. Vários métodos de alongamento de pênis são usados em todo o mundo, mas nenhum, nem mesmo a atual técnica cirúrgica de aumento de pênis, tem muito efeito sobre o tamanho da ereção. Nos levantamentos atuais que buscam as razões de os homens se submeterem à cirurgia para aumentar o pênis, pouquíssimos respondentes citam pressão de um parceiro heterossexual, como a esposa. Os homens que se submetem a essa operação não estão muito interessados no prazer sexual, mas no respeito pelos outros homens. Ter o pênis grande é parte da competição entre os homens e, talvez, aproxime-os. Mesmo assim, não quero dizer com isso que as preferências femininas não tiveram qualquer peso na evolução de pênis maiores nos seres humanos (TAYLOR, 1997: 24).

As medidas encontradas nas cartas refletem a preocupação com a performance sexual, a competição entre os homens e, em muitos casos, a exibição do “instrumento”. Dessa forma, as descrições do pênis e do corpo são feitas como se fossem duas entidades totalmente independentes e separáveis.

[...] É tamanha a importância que os homens dão a seus genitais que se referem aos mesmos não como parte do corpo, mas como um outro. A partir dessa dissociação, os homens passarão a ser controlados pela estimulação dirigida especificamente para a ereção de seus genitais, definindo uma prática sexual

limitada com a qual devem se identificar (NOLASCO, 1999: 41)

Juliana recebeu correspondência na qual se encontrava uma cópia da foto colorida 3x4 de um pênis ereto. A foto estava localizada no canto superior esquerdo da página, cujo conteúdo descreve “ambos” – corpo e pênis:

[...] 34 anos, aparentando bem menos, 1.77alt, 80kg, moreno claro (bronzeadado), sou naturista, uso barba e bigode aparados [...] e tenho um penes de 22,5 x 13,5, com muito esperma, ereção prolongada [...] e VASECTONIZADO o que traz tranqüilidade para minha parceira e sou adepto do sexo seguro (preservativo) (Dr. C, São José dos Campos-SP, 8/3/1998).

Outro missivista apresenta a si e a seu “companheiro”, que reage ao ver uma mulher do tipo de Juliana:

– Sou um homem bem humorado, muito alegre, tesudo e companheiro.

– Sou muito sacana c/ mulheres. Tenho uma energia sexual incrível e o “meu companheiro” muito grande e sacana, passa a grande parte do tempo em riste, principalmente quando vê uma mulher como você (M., Belo Horizonte-MG, 22/6/1998).

Mas, os que omitem seus “dotes”, por que o fazem? O segredo será ainda a alma do negócio, quer dizer, da sedução? Ou há alguma espécie de desencorajamento diante do risco de o tamanho do pênis não

corresponder àquele que satisfaça a si mesmo e a mulheres e homens, conforme as fantasias disseminadas?

Em muitos casos, os qualificativos reaparecem justificando ou maquiando o tamanho ou a falta de dispositivos considerados essenciais nesse jogo: “Tenho o dote de 16x13cm de espessura, pequeno mais gostoso” (M., São Paulo-SP, 27/1/1998). O intitulado “Gato solitário” prossegue descrevendo o que é capaz de fazer com seu “pauzinho”, como ele mesmo referiu na carta.

Em inúmeras outras cartas, há descrições pormenorizadas, em linguagem vulgar, daquilo que os missivistas gostariam de fazer com Juliana ou, ainda, da reação deles ao ler ou se deparar com sua foto na *Private*. Dentre as duzentas cartas analisadas, apenas 27 fizeram referência ao pênis – forma de compreender as sexualidades, tanto masculinas quanto femininas, centradas nos órgãos sexuais –, denotando a dificuldade de romper com o paradigma de virilidade. Em maior número, se encontram os que afirmam procurar “relações de amizade” ou “compromisso sério”, como ilustra este trecho:

Eu nunca escrevi para um anúncio da PRIVATE, o melhor você e a primeira pessoa para quem eu escrevo eu não procuro apenas séquisso procura ago mas sou tímido porém muito sincero sou muito romântico um sonhador que espera um dia com seguir encontrar minha alma gêmea (R. S., Ituiutaba-MG, 12/4/1998).

É visível a dificuldade de se expressar e de escrever do leitor. Esses aspectos revelam o desejo do missivista de manter contato com outros anunciantes, pois se identifica não como correspondente, mas

como leitor assíduo não interessado em sexo, como afirma, mas que procura algo que sua timidez o impede de dizer: a qualidade de ser sincero ajuda-o a dizer o que gostaria de encontrar.

Missivistas, anunciantes dos classificados eróticos e clientes de prostitutas que não conseguem enquadrar-se nos perfis-padrão, tão repetitivamente citados nas descrições, distinguem-se em vários aspectos. São identificados por meio da escrita e da caligrafia pobres e frágeis de argumentos; pela elaboração de um perfil que confirma a ausência de situação financeira e formação escolar mais sólida; ou, ao enviar fotos ou outros indícios, revelando um perfil diferente do que o leitor habitualmente encontra.

No caso da prostituição, Juliana reforça este aspecto referindo-se ao fato de não ter tornado hábito sair com mais de três homens em uma noite. Ao fazer seus primeiros contatos com um cliente, procura transformá-lo em mais um “amigo” com quem ela possa contar. Assim, caracteriza-se também uma distinção no padrão de homens frequentadores de prostíbulos.

Dessa forma, a sedução pode se restringir “às ridículas e mal traçadas linhas” de uma carta ou de um anúncio ou, ainda, à “generosidade” de um cliente. É evidente que não há como negar a padronização das mensagens e comportamentos geralmente copiados e “colados à pele e ao caráter” do sujeito, fazendo surgir um outro diferente daquele que realmente é, e facilitando a complexa tarefa de elaboração de um perfil, principalmente quando se trata de mostrar a si mesmo:

Mesmo sendo um pouco difícil traçarmos o próprio perfil, criar uma auto-imagem ou até mesmo transcrever para os demais o que poderá ser interessante,

posso lhe assegurar que sou uma pessoa calma, de gostos simples, bastante sensível, perseverante, que sabe usar a sabedoria da tolerância, porém, às vezes tenho que me policiar para não ser confundido com uma pessoa exigente, pelo motivo de em determinadas situações não aceitar ser tido como “BABACA”, não compartilhar com ocorrências desagradáveis, hostis, etc. (J. A., Salvador-Ba, 14/9/1998).

Entretanto, os que se identificam com anúncios não enquadrados nos kits padronizados também possuem espaço garantido em meio à diversidade de oferta e demanda publicada nos territórios em que a sexualidade e as fantasias sexuais são o ponto alto do encontro.

Nas cartas, os missivistas que não se encaixam no perfil-padrão imposto socialmente antevêem a impossibilidade de Juliana vir a se interessar por eles, devido a sua condição financeira, física ou social. Mas quem não arrisca...

Gostaria muito de conhecer você, mas estou desempregado.

Sou moreno pardo, mt. 1,67, 68 quilos, 29 anos, não sou bonito mas tenho um coração cheio de amor, carinho e amizade para dar para você (J.C.S., Itaquaquecetuba-SP, 4/5/1998).

É o caso também do missivista que sobrescreve o envelope da seguinte forma: “Av. Cruzeiro do Sul, n. 2630, B. Santana, SP Condomínio: Carandiru Bloco 07, apto. 403-I”, e diz:

Com imenso respeito tomei a liberdade de lhe escrever.

Peço a você, por favor, que não me discrimine, pois estamos em mundos diferentes. Mas sou um homem normal, carinhoso, dedicado, sigiloso e sincêro.

Gostaria muito de fazer um laço de amizade, desde que você não tenha preconceito.

Estou privado de minha liberdade, estou aqui, na casa de detenção de S. P.

A solidão é a rotina do dia a dia, dói muito a dor da solidão, somente você pode curar esta dor [...].

Juliana, me ajude acabar com essa tristeza, você não imagina o valor que tem um homem que se encontra atrás das grades de uma prisão (D.C., São Paulo-SP, 26/4/1998).

Esses casos ilustram a tentativa de sedução, mesmo em condições adversas que dificilmente comoveriam Juliana a ponto de levá-la a manter correspondência com eles. Afinal, o que faz com que homens que se encontram em situações semelhantes a essas, consideradas de exclusão dos padrões valorizados pela sociedade, se exponham enviando correspondência para anunciantes por meio de revistas como a *Private*?

Algumas hipóteses podem ser levantadas: o espírito de aventura, a solidão, as fantasias, o desconhecimento do público que frequenta a revista, a esperança de encontrar sua “cara-metade”. Além do,

Não existe objeto sexual “instintivamente adequado ao desejo” ou vice-versa, como reitera a psicanálise. Todo objeto de desejo é produto da linguagem que

aponta para o que “é digno de ser desejado” e para o que “deve ser desprezado” ou tido como indiferente; como incapaz de despertar excitação erótica (COSTA, 1992: 28).

Outro caso, desta vez de um missivista de Cuiabá, pode ajudar a compreendermos a dificuldade de encontrar reciprocidade de interesses. Temporariamente residindo em São Paulo, segundo diz, para fazer um curso de instrutor de auto-escola, o correspondente descreve o fato de ter sido abandonado por sua esposa e ter de cuidar sozinho dos dois filhos do casal; também fala da forma como manteve contato com a *Private*. “Encontrei uma revista, a qual encontrei o seu endereço que gostei do seu anúncio, olha eu não sei, acredito que foi Deus quem mandou aquele colega mir mostrar o seu endereço; falei para ele a minha situação que eu mir encontro” (E. R., São Paulo-SP, 6/2/1998).

Tanto o desempregado quanto o instrutor de auto-escola enviaram fotos. O procedimento de antecipar o envio de fotos ou cópias de fotos, de corpo inteiro ou 3x4, só do rosto ou do pênis tem a intenção, quem sabe, de seduzir ou convencer o leitor com algo que os identifique, ou por considerar que não ficou suficientemente esclarecido na carta, mas seria complementado pelo argumento visual.

Talvez este não seja o caso dos dois correspondentes citados anteriormente. O rapaz pardo registra o fato de se encontrar desempregado, mas não revela ser paraplégico; assim como o instrutor de auto-escola não se identifica como um homem negro. Ambos enviaram fotografias, respectivamente, de corpo inteiro e 3x4, nas quais esses detalhes são visíveis, mas não considerados pelos missivistas. Presumimos que não os tenham descrito por

fugirem aos padrões de beleza de nossa sociedade ou, talvez, como forma de minimizar a situação, fazendo-a parecer menos merecedora de atenção. Segundo Rolnik,

É a desestabilização exacerbada de um lado e, de outro, a persistência da referência identitária, acenando com o perigo de se virar um nada, caso não se consiga produzir o perfil requerido para gravitar em alguma órbita do mercado. A combinação desses dois fatores faz com que os vazios de sentido sejam insuportáveis. É que eles são vividos como esvaziamento da própria subjetividade e não de uma de suas figuras – ou seja, como efeito de uma falta, relativamente à imagem completa de uma suposta identidade, e não como efeito de uma proliferação de forças que excedem os atuais contornos da subjetividade e a impelem a tornar-se outra (ROLNIK, 1997: 21).

O registro da diferença, percebido por meio de informação textual ou visual, nas cartas, levanta algumas questões fundamentais para que possamos compreender melhor o diverso. Assim, buscamos perceber quem é o diferente de quem e a partir de que ponto de vista se pode identificá-lo. Nas palavras de Lins,

*Como tratar o intratável? [...]
É possível, então, tratar a Diferença, tratar o Intratável? Para alguns, só existe um método: tratar a Diferença é compreendê-la como Diverso, inserindo-a,*

finalmente, na modernidade, isentando-a do imaginário da Diferença para encontrar o Diverso da própria Diferença (LINS, 1997: 82-83).

Mas como e onde encontrar o diferente? Para Lins,

[...] ao renunciar ao discurso do “Direito à Diferença”, abre-se mão, simultaneamente, de um lugar que poderia constituir, de fato, um espaço privilegiado. Resta saber, com efeito, quem fala? De onde fala? Para quem fala? Quem é o Diferente de quem? O culto exacerbado da Diferença pode condenar o ator à sua história, levando-o a fazer de sua Diferença uma prisão, uma fatalidade, um destino. Ao “proteger” a Diferença, termina-se, na melhor hipótese, por possuí-la e, na pior, por se deixar possuir por ela numa identificação cármica, fatalista (LINS, 1997: 83).

Essas diferenças estão inseridas no tecido social e, de forma mais visível e concreta, em diversos espaços, como os adágios populares identificam: “Quem ama o feio, bonito lhe parece”; “Todo pé tem seu sapato”. Alguns missivistas, porém, levam em consideração essas diferenças quando se referem à realização de suas fantasias, como nos trechos a seguir:

Homens feios...	Pés
Qualquer cor, humildes, simples, discriminados, de 18 a 65 anos, que gostem de comer [...]. Sou viado, solteiro, depilado, tenho cor clara, 45 anos, 75kg, 1,90m e moro só. Escrevam-me roludos de todo o Brasil. Descarto álcool, drogas, SM, bonitos másculos.	Se tem de 18 a 50 anos e pés bonitos ou com algum defeito (dedinho torto, dedinhos gêmeos, quatro ou seis dedos, manca para caminhar), entre em contato. Ajudo na despesa mensal para tê-la comigo. Podólotra.
L., Mato Grosso.	Santa Catarina.
N. 195 s/d. s/p. 2001.	N. 199, p. 110, 2001.

Fonte: Revista *Private*, *Correio Confidencial*.

Como então justificarmos o envio de fotos que denotam o excepcional, o diferente querendo ser aceito como realmente é? Hipoteticamente, podemos afirmar, pela leitura das cartas – partindo do ponto de vista do padrão de homem universal e genérico ou daquele que se encaixa nos “kits de perfis-padrão” –, que o diferente não se descreve utilizando qualificativos mensuráveis como comprimento ou espessura do pênis.

Em geral, o diferente recorre a expressões abstratas, qualitativas tais como: “[...] tenho um coração cheio de amor, carinho e amizade”. (J. C. S., Itaquaquecetuba-SP, 4/5/1998); “[...] sou um homem normal, carinhoso, dedicado, sigiloso e sincêro, sem vício, dono de uma boa índole” (D. C., São Paulo-SP, 26/4/1998.); “não tenho vícios, gosto de fazer amizades” (E. R., São Paulo-SP, 6/2/1998).

Na tentativa de disfarçar ou omitir certas “diferenças” vale tudo. Juliana se reporta ao fato de não poder confiar no que consta nas correspondências e, posteriormente, no que é dito nos contatos mantidos por telefone. Ela própria utiliza o artifício dos “kits de perfis-padrão” ao afirmar, em um dos três anúncios que publicou, ser “solitária, ter apenas 29 anos e ser bastante sincera” (*Private*, 4/1998: 84).

O jogo de sedução e de sensualidade está praticamente centrado nas descrições dos corpos e de sua vitalidade. Por isso é necessário que muitos

apresentem uma idade falsa, compatível com tanto vigor sexual, ou destaquem, com algum orgulho disfarçado, ter certa idade, mas aparentar bem menos:

Ele me ajudava a escolher [a foto para publicar], me emprestou a caixa postal dele, montou o anúncio para mandar para a revista, ele mesmo preencheu. Me ajudou a construir a mensagem, diminuiu a minha idade porque ele achava que eu não ia receber cartas se eu dissesse que tinha a idade que tenho. Na época eu tinha 37, 38 anos. E ele diminuiu uns dez anos da minha idade para poder receber as cartas. Pelo corpo que aparecia na foto, dava para enganar (Entrevista realizada com Juliana em fevereiro de 2001).

Decerto, quando Juliana garante ser sincera e gostar de homens também sinceros, a afirmação não passa de um mero jogo de palavras, que é intrínseco à arte da sedução no grupo que frequenta a *Private*. Da mesma forma, muitos missivistas fazem questão de identificar-se como alguém liberal, porém, a verdadeira extensão do ser liberal vai depender da forma como cada um fantasia e vive essa fantasia. Certamente o ser liberal para alguém que coloca como limite sua heterossexualidade e a não utiliza-

ção de drogas é bem diferente daquele que se coloca à disposição para experiências com casais:

Juliana, essa Revista, tem um grande nº de liberais; por isso, as palavras chegam ao ponto mais erótico, não é mesmo? Mais apesar de ser um homem de espírito bem liberal, não tenho palavras dêsse particular para te dizer, você me compreende? (J. R., Araruana-RJ, 22/1/1998).

Somos realmente casados e verdadeiramente iniciantes. Deixei por conta de meu marido a tarefa de encontrar uma mulher que venha de encontro às nossas pretensões e características. Gostamos de sua proposta e podemos recebe-la em nossa casa. Tomara que venha de fato uma gostosa amizade, beijos (F. e F., Rio de Janeiro, RJ, 22/2/1998).

Sol solteiro, moreno claro pouco queimado de sol, uso óculos, cabelos e olhos castanhos (ficando um pouco grisalhos), 1,75 altura, 85 kilos, 50 anos, signo de peixes, nível superior, formado em teologia, filosofia, fotografo profissional, piloto civil, curto paraquedismo, adoro tudo o que se é belo e gratificante [...] sensível, sentimental, sadio, saudavel, responsavel, higiênico, liberal mas tímido, simpatico, ótima aparência, fogoso, educado, calmo, sem vícios, descarto drogas, adoro curtir a natureza, sincero, meigo, sincero, honesto, franco, leal, sigiloso, discrétissimo, romântico e carinhoso, etc. (A. A. B., São Paulo-SP, 17/3/1998).

Este último caso, dentre outros, revela um perfil de masculinidade que contempla sentimentos e qualidades que geralmente não são manifestados sem que sejam acionadas estratégias como a utilização de adjetivos valorativos de uma masculinidade que se pensa hegemônica. Assim, os qualificativos, nas cartas, aparecem entremeados por outros que se distanciam dessa mesma masculinidade.

A idéia que temos ao fazermos essas leituras é de que sensibilidade e afetividade não podem ser enunciadas sem que se comprometa a virilidade daquele que a descreve. A qualidade de ser “animal”, característica típica do masculino, emerge para equilibrar outras como sensível, sentimental, higiênico e tímido. Observamos, ainda, a ênfase, premeditada ou não, na repetição dos adjetivos, todos com valoração positiva: o missivista se descreve como “sincero, meigo, sincero” e, na mesma linha, reafirma estas características por meio de seus sinônimos “franco e leal”. “[...] Esse jogo permite observar, nitidamente, a coexistência de modelos tradicionais de ser homem e mulher e novas representações sobre o masculino e o feminino, traduzindo-se em múltiplos padrões que competem com os modelos hegemônicos” (GOLDENBERG, 2000: 34).

Em outras palavras, o ser homem nos moldes clássicos absorve bem características que não são, comprovadamente, qualidades novas e nunca experimentadas por homens em outros tempos históricos. Porém, na contemporaneidade, além de haver espaço para expressar-se livremente, por meio de identidades flexíveis, plásticas, torna-se possível apregoar tais sentimentos, principalmente em público e, em determinados momentos, como arma para seduzir e sensibilizar o outro.

Sentimentos reconhecidamente típicos do masculino e do feminino são estimulados a uma convivência na qual há uma fusão entre eles, mas

sem que se percam certos atributos da masculinidade e da feminilidade. O ser homem e o ser mulher, de certa forma, impõem padrões de comportamento; o que não quer dizer que haja uma aceitação passiva, sem questionamentos, de uma única visão de mundo, o que inviabilizaria distintas manifestações de experiências masculinas e femininas.

Mas Juliana priorizava um certo perfil de misivistas: homens que pudessem apontar para a possibilidade de mudança de sua vida, de acordo com os valores que a haviam estimulado a manter correspondência com a *Private*; aliás, essa parece ser a idéia de muitos freqüentadores da revista. Portanto, Juliana também se enquadra no “kit de perfis-padrão” no que se refere à forma como se apresenta em seu anúncio e ao assumir qualificativos utilizados por grande parte dos correspondentes com a intenção de seduzir seus leitores: ser o protótipo do homem e da mulher sedutores:

Esse amigo que me chamou para participar da revista me mostrava muitas cartas de pessoas altamente interessadas nele, homossexuais chamando ele para morar em outro lugar, que tinha uma vida muito boa para oferecer, que era isso, era aquilo, dono de empresa, era empresário. Aí eu pensei: “Sabe de uma coisa, acho que eu vou ver se eu arranjo um empresário também”.

[...] quando eu ia selecionar as cartas, eu procurava ver as fantasias deles, coisas que eu era capaz de fazer. Procurava o mais simples. E pessoas que estavam bem, pessoas mais ou menos e de um nível bem melhor. Porque meu interesse era esse: encontrar uma pessoa, como

eles me prometiam nas cartas, quase todos eles mandavam dizer a profissão, que é isso, que é aquilo, aí isso me interessava muito (Entrevista com Juliana, em 2/2001).

A dinâmica de organização e de funcionamento das demandas dos freqüentadores da revista *Private*, aqui analisados, suscita, ainda, a seguinte discussão: observamos a abertura de espaço para se pensar a pluralidade de manifestações da sexualidade para além daquelas fixadas tão-somente na figura do “casal regular”.

Permanências nas mudanças

A observação dos territórios da *Private* e dos classificados eróticos de jornais (tema de outras discussões e artigos) leva à seguinte confirmação: assim como na atividade prostituinte ambos os territórios são reforçadores dos valores patriarcal, homofóbico, fático e sexista, uma vez que seus freqüentadores acreditam nas afirmações de comportamentos naturalizados para homens e mulheres, perpetuando-os em sua prática cotidiana. Apesar disso, em vários momentos, os freqüentadores desses territórios se encontram na obrigação de conviver com os avanços e direitos conquistados pelas denominadas “minorias”: mulheres, negros, índios e homossexuais.

Entretanto, o território da prostituição é fechado e direcionado ao masculino e à satisfação de suas fantasias. Contrariamente, a *Private* e os classificados eróticos abrem-se à freqüência de homens e de mulheres, independentemente de suas orientações sexuais.

[...] É verdade que essas mudanças implicam a conquista de uma flexibilidade para adaptar-se ao mercado em sua ló-

gica de pulverização e globalização; uma abertura para o tão propalado novo: novos produtos, novas tecnologias, novos paradigmas, novos hábitos etc. Mas isso nada tem a ver com flexibilidade para navegar ao vento dos acontecimentos – transformações das cartografias de forças que esvaziam de sentido as figuras vigentes lançam as subjetividades no estranho e forçam-nas a reconfigurar-se (ROLNIK, 1997: 20-21).

Mesmo dentro dos territórios da *Private* e dos classificados eróticos, a distribuição dos anúncios em colunas separadas distingue cada personalidade em um intermitente jogo de enquadramento e classificação das diferenças. Dessa forma, é possível perceber a convivência de uma multiplicidade de manifestações de fantasias, desejos e expectativas em relação aos possíveis parceiros.

De qualquer modo, heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade transitam entre casais que procuram companheiros ou companheiras que usufruam a experiência de relacionamento sexual com o casal. Assim, mulheres e homens solteiros buscam dentre os frequentadores desses territórios companhia para viver experiências sexuais de alta intensidade e rotatividade. Como escreve Parker,

[...] “entre quatro paredes”, “debaixo do pano” ou em qualquer outra situação na qual se está “oculto” ou “fantasiado”, torna-se possível encontrar uma liberdade de expressão sexual que seria explicitamente proibida “lá fora”, no mundo público. Na liberdade da vida privada, nesses momentos de invisibilidade

social, o brasileiro sugere que tudo pode acontecer, tudo é possível (PARKER, 1991: 69).

São relacionamentos plásticos e flexíveis que transitam nos territórios da sexualidade aqui analisados, possibilitando a coexistência entre aqueles que vivem, aparentemente, relações sancionadas e reguladas – fora deles – naquilo que pode ser exteriorizado, visível.

Dessa forma justifica-se a existência de espaços fechados, mas ao mesmo tempo abertos para aqueles que fogem da dura rotina das classificações, do cotidiano normalizador, moralizador e regulador. Ali, as manifestações são invisíveis ao mundo, com sua lógica binária e estabilizadora, e se podem criar e recriar situações de acordo com fantasias e necessidades de cada um.

Com o intuito de sobreviver à mudança, estratégias são desenvolvidas para o convívio com as sexualidades periféricas, como é o caso das clínicas ou casas de massagem, registradas e oficializadas, mas que escondem as reais especialidades técnicas de seus profissionais. Essas sexualidades deixam entrever um vasto mundo compartilhado por aqueles que desejam encontrar o outro, com o qual se assemelham na sua própria diferença.

Oferecer serviços que atendam a um diferencial exótico misturando-o ao convencional, conforme os anúncios promovem, é um aspecto curioso a se considerar. Dentro de quatro paredes, os desejos ou fantasias represados no cotidiano dão espaço ao que não pode ser vivido ou dito em sociedade.

Esses encontros, não necessária e especificamente, ocorrem em espaços como as conhecidas zonas de prostituição ou motéis. Nos anúncios dos classificados eróticos há a preocupação do anun-

ciante em afirmar que pode se deslocar para atender em hotel, motel, domicílio e local, ou seja, em apartamento, sítio ou chácara, em geral, distante do espaço do lar, da família.

Isso implica dizer que a cisão entre o privado/feminino e o público/masculino persiste, uma vez que o espaço do lar pertence ao feminino; a diversão, o lúdico, o prazer conectado à rua permanecem ligados ao masculino. Mas, de qualquer forma, há uma certa dinamicidade nessa separação, pois observamos grupos que assumem ser formados por pai-mãe-filha, mãe-filha, ou irmãs e, por fim, casais casados que anunciam poder receber em sua própria casa, procurando garantir alguma privacidade. Conforme DaMatta,

A oposição nada tem de estática, de substantiva, de absoluta. Ao contrário, ela é dinâmica e relativa porque, na gramaticalidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente, visto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando-se “casa”, ou seu “ponto”. Neste sentido, a rua pode ter locais ocupados permanentemente por categorias sociais que ali “vivem” como “se estivessem em casa”, como dizemos em linguagem corrente (DAMATTA, 1991: 60-61).

Portanto, estar na rua, mas ao mesmo tempo sentir-se em casa, é peculiar à forma como se organizam os vários grupos que vivenciam a dinâmica das relações sociais. As prostitutas “fazem ponto” em determinados territórios da cidade, assim como os motoristas de táxi e mototaxistas possuem seu

ponto de parada, demarcando espaços onde há o reconhecimento e certa proteção dos que se identificam como seus freqüentadores. Evidencia-se, assim, a necessidade de deixar explícitos os caminhos que devem ser percorridos pelos prováveis parceiros ou companheiros sexuais para que seja possível acontecer o encontro.

A reconfiguração das subjetividades, entretanto, se depara com determinados limites.

Abertura para o novo não envolve necessariamente abertura para o estranho nem tolerância ao desassossego que isso mobiliza e, menos ainda, disposição para criar figuras singulares orientadas pela cartografia desses ventos, tão revoltos na atualidade” (ROLNIK, 1997: 21).

Isso implica falar de estranhar o estrangeiro, de diferenciar o diferente, tendo como referência os perfis-padrão que confirmam as subjetividades binariamente produzidas.

Nesse sentido, percebemos a reprodução contínua de valores – principalmente no campo desta pesquisa – em que o denominado “tripé da masculinidade”⁴ reafirma a continuidade de práticas reforçadoras da predominância dos valores masculinos sobre os femininos. De qualquer modo, este tripé funciona como um dos mecanismos que dão continuidade à produção de sexualidades e de comportamentos, tendo como referência os padrões tradicionais de gênero.

Assim, família, Igreja, escola, empresas e Estado são instituições para as quais os indivíduos – uns mais, outros menos – dedicam incontáveis anos de suas vidas. As marcas da passagem por essas instituições ficam inscritas nos corpos de tal maneira que se torna impossível não reproduzir partes essenciais de organização da estrutura dos papéis de gênero, mesmo considerando que o “[...] peso relativo

e funções [dessas instituições] podem ser diferentes, nas diferentes épocas” (BOURDIEU, 1999: 101).

Podemos afirmar que, quaisquer que sejam os dados utilizados em pesquisas que investiguem as mudanças concernentes às relações de gênero, é possível identificarmos variáveis constantes que perpassam diferentes contextos históricos, reforçando a idéia de “subordinação natural” das mulheres pelos homens.

A forma como a estrutura familiar continua sendo delineada impõe obstáculos ao modo de pensar o masculino e o feminino e suas mais diversas relações, seja na órbita do público ou do privado, seja ao se pensar a conjugalidade, a divisão de tarefas domésticas ou a sexualidade. Espaço e tempo, assim compreendidos, são estruturados em função do feminino e do masculino.

O prostíbulo é um espaço de freqüência e socialização exclusiva do masculino; a *Private* e os classificados eróticos, pelo contrário, são espaços nos quais homens e mulheres homossexuais, heterossexuais, bissexuais ou outras formas de expressão da sexualidade humana transitam sem que tenham de enfrentar constrangimentos por conta de sua orientação ou fantasia sexual.

Mesmo considerando a *Private* e os classificados eróticos como territórios que fogem ao padrão do “casal regular”, observamos distintos espaços separados, não-visíveis à sociedade e de responsabilidade de cada grupo ou indivíduo que procura outros semelhantes. Buscam viver, “na calada do dia ou da noite” – dependendo da disponibilidade dos interessados –, experiências consideradas exóticas, “não-normais”, mas que podem oficialmente existir, utilizando-se de estratégias como os veículos de comunicação registrados e reconhecidos em cartórios – jornais, revistas etc.

Essas “novas tribos” possuem amplo mercado consumidor a ser explorado, e poderosos defensores – empresas de produtos eróticos, casas que facilitam o encontro dos grupos e indivíduos, clínicas de terapia de casais etc. – que lutam pelo direito de existência e de igualdade dos denominados *diferentes* sem, entretanto, borrar oficialmente as fronteiras entre *hetero*, *homo*, *bi* ou outras formas de expressões da sexualidade.

Muitas vezes, mudanças duramente conquistadas ocultam e disfarçam as permanências ou, ainda, impedem que se vislumbre a perpetuação de valores que se escondem nas próprias transformações. Nas palavras de Bourdieu,

As mudanças visíveis de condições ocultas, de fato, a permanência nas posições relativas: a igualização de oportunidades de acesso e índices de representação não deve mascarar as desigualdades que persistem na distribuição entre os diferentes níveis escolares e, simultaneamente, entre as carreiras possíveis [...]. É sabido que o mesmo princípio de divisão é ainda aplicado, dentro de cada disciplina, atribuindo aos homens o mais nobre, o mais sintético, o mais teórico e às mulheres o mais analítico, o mais prático, o menos prestigioso.

A mesma lógica rege o acesso às diferentes profissões e às diferentes posições dentro de cada uma delas: no trabalho, tal como na educação, os progressos das mulheres não devem dissimular os avanços correspondentes dos homens, que fazem com que, com em uma corrida de handicap, a estrutura das distâncias se mantenha (BOURDIEU, 1999: 108-110).

Podemos aplicar este raciocínio a outras esferas do cotidiano de homens e de mulheres, como as relações de conjugalidade e o exercício da sexualidade. No espaço reconfortante do lar, as mulheres são as responsáveis por atividades de organização e funcionamento, dividindo algumas tarefas, com outras mulheres e crianças, o que lhes permite dispor de algum tempo livre. Muitos homens, quando assumem as mesmas tarefas domésticas, deixam claro o caráter provisório da função: apenas uma ajuda ou auxílio; nunca como condição para organização familiar; muitas mulheres reforçam-nas como obrigações naturais para aquelas que não casaram ou não tiveram filhos e “só trabalham fora”.

No que se refere à plasticidade da sexualidade, ou seja, a possibilidade de usufruir o sexo sem vinculá-lo à reprodução, com o casamento, a mulher retoma seu lugar de esposa-mãe-dona de casa, tornando-se, gradativamente, assexuada. Segundo Bourdieu,

Se as estruturas antigas da divisão sexual parecem ainda determinar a direção e a forma das mudanças, é porque, além de estarem objetivadas nos níveis, nas carreiras, nos cargos mais ou menos fortemente sexuados, elas atuam através de três princípios práticos que não só as mulheres, mas também seu próprio ambiente, põem em ação em suas escolhas (BOURDIEU, 1999: 112).

Estar associada à esfera doméstica é um dos princípios que permanecem dentro das mudanças, assim como o fato de a mulher, mesmo assumindo cargos de autoridade sobre os homens, não se sentir ainda à vontade para assumir essa autoridade. É como afirma Pedro:

[...] porque mulher nenhuma gosta de homem que não determina as coisas. Relacionamento nenhum dá certo quando o homem não manda, não determina. A maioria das mulheres gosta de homem que tem autoridade. Elas podem até dividir muitas funções. Às vezes até as mulheres mandam. Mas elas gostam que o homem imponha algumas coisas. E as mulheres não gostam que tenham que determinar, tenham que mandar (entrevista com Pedro, em 2/2002).

E, por fim, cabe ao homem, dentro de sua racionalidade instrumental, o monopólio das máquinas e da tecnologia ligadas às áreas de poder, sobretudo, à da produção. (BOURDIEU, 1999: 112-113).

Considerações finais

Observamos que a hipótese elaborada para o desenvolvimento deste trabalho, assim como o material coletado na pesquisa, apontava para a confirmação das marcas permanentes nas mudanças. Apesar de o território das sexualidades tomado aqui – depoimentos das cartas e da Revista *Private* – em muitos momentos indicar a possibilidade de vivências e experiências de maior abertura nos relacionamentos, o que percebemos foram reproduções reelaboradas e adaptadas às novas necessidades, sem considerar rupturas significativas nas mesmas.

Isto pode ser facilmente notado, considerando-se que ocorreram mudanças fundamentais na esfera do feminino como o acesso das mulheres à educação e ao mundo público do trabalho. Tendo por referência esse contexto, o que temos observado são tentativas de criar modelos de homens e de mu-

lheres que possam se opor aos tradicionais, estabelecendo tipos ideais weberianos, masculinos e femininos, que dificilmente se encontrariam no cotidiano. O que ainda predomina – e que, portanto, deve ser relativizada – é a convivência entre as oposições “tradicional e moderno”, “velho e novo”, que muitas vezes impede a compreensão da permanência do tradicional no moderno e do velho no novo, ou seja, as permanências nas mudanças.

Essa argumentação reforça a idéia de inquestionabilidade dos típicos padrões de relação entre os gêneros, fazendo-os renovar sua dinamicidade. Isto aparece, por exemplo, em dados relativos à ocorrência de violência doméstica, quando o papel de “proprietário da mulher” – filha, irmã, esposa, namorada, sobrinha ou outra –, mesmo sendo combatido, emerge em toda a sua expressividade e atualidade.

Outro caso que pode ilustrar a permanência do modelo tradicional dos papéis fixos de gênero ancora-se na prostituição. Uma análise superficial sobre a “liberação sexual” poderia concluir pela extinção da atividade prostituinte, uma vez que ela não mais seria necessária, em função da liberdade de homens e mulheres de exercerem sua sexualidade como bem lhes aprouvesse. Daí surge a idéia de que, como em um passe de mágica, os comportamentos sexuais dos indivíduos mudariam completamente, adequando-se aos novos padrões estabelecidos pelo que se entende como “liberação sexual”.

No entanto, há uma grande distância entre os conceitos, ou o que se fala, e a experiência cotidiana. A lógica de muitos discursos convive idealmente próxima às representações de mundo criadas como explicação do real.

É fundamental, portanto, rever as afirmações genéricas que querem transformar radical-

mente as relações entre homens e mulheres quando, categoricamente, sustentam que houve mudança na sua forma de relacionamento não só sexual, mas também social e cultural. Não se podem negar essas mudanças; porém, é preciso analisar o passado – não de forma linear e cronológica –, que periodicamente reflete avanços e retrocessos, anuências e rejeições.

Evidenciamos, dessa forma, que as mudanças tão propaladas são apropriadas, quando o são, de diferentes formas e demarcam resistência a determinados modos de ser e viver, como ainda fazem e pensam os freqüentadores de prostíbulos, mas não apenas eles. Ao compreendermos esses dois movimentos – de mudanças e permanências – convivendo lado a lado, entendemos também que padrões de masculinidades e de feminilidades coexistem e coabitam, acionando valores legitimados e de fácil adesão, incorporados tanto nas instituições como nos corpos e na forma de ser homem e de ser mulher.

Notas

- ¹ Juliana e Flávia foram os codinomes utilizados para manter correspondência pela *Private*. Para a pesquisa, optou-se por utilizar o primeiro pseudônimo.
- ² *Revista Private*, Ano XX, n. 22, jul., 2003.
- ³ *Revista Private Collection*, Ano XVII, n. 195, s/d.
- ⁴ Virilidade, trabalho e honra formam a tríade na qual se ancora a masculinidade hegemônica. Ser homem, portanto, implica necessariamente a defesa e a explicitação constante desse tripé, uma vez que a masculinidade nunca é uma aquisição definitiva e está sendo sempre colocada à prova.

Referências Bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

- BOECHAT, Walter (org.). *O masculino em questão*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre homoerotismo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- COSTA, Moacir. Os dilemas sexuais do homem. In: _____ (coord.). *Amor e sexualidade: a resolução dos preconceitos*. São Paulo: Gente, 1994.
- COSTA, Ronaldo Pamplona et al. *Macho, masculino, homem: a sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro*. Porto Alegre: L & PM, 1986.
- _____. *Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo: Gente, 1994.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1991.
- DANIEL, Herbert. A síndrome de nossos dias. In: DANIEL, Herbert e PARKER, Richard (orgs.). *AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. São Paulo: Iglu, 1991.
- HEILBORN, M. Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- GOLDENBERG, Mirian (org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LINS, Daniel (org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas-SP: Papyrus, 1998.
- _____. (org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- LOYOLA, M. Andrea (org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- MATOS, M. Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- NOLASCO, Sócrates. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario. *Homens*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. 2ª edição. São Paulo: Best Seller, 1991.
- RAMOS, Marcelo Silva. Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ROLNIK, Sueli. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas-SP: Papyrus, 1997.
- SOUSA, Francisca Ilmar de. *O cliente: o outro lado da prostituição*. 2ª edição. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto; São Paulo: Annablume, 1998.
- TAYLOR, Timothy. *A pré-história do sexo: quatro milhões de anos de cultura sexual*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Revistas

- Revista *Private* (abr. 1998), n. 156, p. 84.
- Revista *Private* (2001), Correio Confidencial, n. 195, s/p.
- Revista *Private* (2001), Correio Confidencial, n. 199, p. 110.
- Revista *Private* (jul. 2003), ano XX, n. 22, p. 106.
- Revista *Private Collection* (s/d), ano XVII, n. 195.